

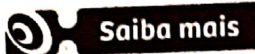
# ANTROPOLOGIA

1. A Antropologia como ciência
2. Conceito de Cultura
3. 3.Etnocentrismo e Relativismo cultural

Extraído e adaptado de

**TOMAZI, Nelson, Iniciação à Sociologia, SP, Ed. Atual, 2000**

**Vários autores, Sociologia em Movimento. Sp, Ed. Moderna, 2013**



## A Antropologia como ciência

A Antropologia é uma ciência que surgiu no século XVIII. Ela se dedica ao estudo de toda a diversidade de culturas e sociedades existentes no mundo. A partir do século XX passou a ser considerada uma disciplina científica, fazendo parte atualmente do campo das Ciências Sociais (em conjunto com Sociologia e Ciência Política). Inicialmente seu objeto de estudo eram principalmente as sociedades não ocidentais e não industrializadas, consideradas "selvagens". No entanto, ao longo do século XX seu campo de análise passou a incluir todos os modelos de sociedade, em especial a partir do desenvolvimento dos estudos na área de Antropologia urbana.

### 1 Primeiras palavras

Diferentemente de outros animais, os seres humanos só se reconhecem com base nas relações que estabelecem entre si. Os indivíduos constroem sua realidade em um processo contínuo de interação e transformação dos contextos nos quais estão inseridos. Na **cultura** são encontrados os elementos que possibilitam a interpretação da realidade social e da posição de cada indivíduo nas diferentes relações estabelecidas entre os grupos sociais. As diferentes características da organização das sociedades humanas, como o padrão sob o qual essas sociedades se estratificam (isto é, como seus grupos se diferenciam em camadas de *status*, poder econômico e político) e organizam a produção dos bens necessários à satisfação de suas necessidades, só podem ser compreendidas pela cultura, a qual, nesse sentido, é constituída pelas práticas, saberes, valores e normas que orientam a organização das sociedades. Essas práticas, saberes, valores e normas, por sua vez, são construídos e transmitidos de uma geração para outra como formas naturais de pensar e agir. Assim, a forma como a sociedade se organiza e se percebe pode ser vista como resultado dessas influências que constroem uma visão de mundo ou interpretada como uma relação de poder de determinados grupos sobre outros. Tanto a visão de mundo quanto a relação de poder serão definidas sociologicamente pelo conceito de ideologia.

Na sociedade contemporânea, os meios de comunicação e interação social ganham importância fundamental na propagação dos valores, das práticas ideológicas e das manifestações culturais. Dessa maneira, passam a ter um papel central na definição e na transmissão dos elementos que engendram uma cultura. As diferentes manifestações culturais (originárias das diferentes classes, grupos e instituições sociais que constituem uma sociedade) são remodeladas e transformadas em cultura de massa, sendo oferecidas como mercadorias para consumo pelos meios de comunicação.

Considerando a importância dos meios de comunicação e interação para a produção e transmissão da **cultura de massa**, é necessário compreender as consequências da revolução causada pelas transformações das tecnologias da informação. A rápida transformação dessas tecnologias estabeleceu novos padrões de comportamento, que por sua vez modificam práticas estabelecidas de interação social. Também acompanham o sentimento cada vez mais comum de que os valores e as práticas que conhecemos tornam-se transitórios, da mesma forma que novidades tornam-se obsoletas de um momento para o outro. O estudo da formação cultural e da ideologia é um esforço para a compreensão da nossa vida em sociedade, já que elas permeiam todas as instituições das quais fazemos parte, como a família, a escola e o Estado. Afinal, somos todos produtos e produtores da cultura em que vivemos.

Por sua importância e porque permeia todas as práticas humanas, a palavra cultura adquiriu vários significados. Desde sua origem latina, como ação de tratar, cuidar e venerar (no sentido físico e moral) e sua derivação na agricultura (cultivar a terra), até sua definição sociológica, como o conjunto das práticas, saberes, valores e normas que costuram as relações humanas, a cultura é um fenômeno plástico, sujeito a constantes transformações.

Com base no estudo sobre as formas de conhecer a sociedade, aprendemos que o senso comum é o tipo de conhecimento que adquirimos em nossas experiências no dia a dia e que nos é transmitido socialmente com o passar do tempo.

A experiência cotidiana nos ensinou a usar o termo cultura para designar o lugar social de uma pessoa ou grupo, que podemos classificar com base em aspectos como escolaridade, modo de se comportar, tipo de roupa, personalidade, entre outros. Nesse sentido, é comum escutarmos que determinada pessoa ou grupo social tem muita ou pouca cultura, como se cultura fosse algo que pudesse ser medido. Quando isso ocorre, o termo cultura está sendo usado em sentido restrito.

A palavra cultura, assim entendida, é sinônimo de educação. Refere-se à capacidade de compreender e organizar certos dados e situações, leituras e informações, ou ao fato de possuir títulos universitários. Nesta acepção, a cultura tem sido motivo para discriminação, pois pessoas e grupos sociais são julgados de forma positiva ou negativa com base em seu grau de escolaridade ou em sua identificação com a cultura urbana dominante (Figura 3.1).

Quando o conceito de cultura é compreendido como o conjunto de práticas, saberes, valores e normas construídos nas interações sociais, não é possível estabelecer um parâmetro que indique sua correção ou superioridade em relação a qualquer outra manifestação humana. A afirmação da superioridade da cultura urbana sobre a rural revela uma relação na qual prevalece a imposição dos padrões urbanos sobre os rurais, já que o parâmetro evocado para afirmar essa superioridade é originário da cultura urbana.

É no contato com outras pessoas que afirmamos o que somos e passamos a observar as diferenças existentes entre os grupos. Essas diferenças são também culturais e podem estar relacionadas ao tempo (diferenças geracionais), ao espaço (diferenças regionais, entre bairros ou nacionalidades) e ao comportamento (hábitos de consumo), entre outros fatores.

### Conceito de cultura

O conceito de cultura é construído nas Ciências Sociais a partir da análise da realidade social, que pode ser feita com base em diferentes pontos de vista, em razão de sua capacidade de transformação. Um primeiro olhar para a compreensão desse conceito está no próprio significado do termo. Segundo a pesquisa etimológica do sociólogo alemão Norbert Elias, o termo alemão *Kultur* foi utilizado até o princípio do século XX, na Alemanha, para se referir aos aspectos não materiais (intelectuais, artísticos, religiosos) da sociedade, em oposição ao termo *Zivilisation*, que alude aos aspectos materiais de uma cultura (todo tipo de utensílios, ferramentas, instrumentos, máquinas, hábitos alimentares, tipos de habitação etc.) – um valor de segunda classe, quando comparado ao comportamento e às realizações do espírito humano.

A síntese de ambos os significados, estabelecida após a Primeira Guerra Mundial, reconheceu a civilização como um processo, e não mais um estado, e deu origem ao termo cultura tal como o conhecemos atualmente, reunindo essas duas dimensões dos valores e práticas sociais. Um segundo olhar sobre o conceito de cultura se detém sobre seu papel na compreensão da vida social. Nesse sentido, a percepção de que os comportamentos e os valores das diferentes sociedades não eram os mesmos levou cada uma a estabelecer diversas explicações para essa diferença. Entre essas explicações encontramos os determinismos biológico e geográfico, que podem ser vistos como modos não científicos de compreender tal diferença.

No primeiro caso, as diferenças entre os seres humanos são explicadas com base em características biológicas herdadas. Assim, as sociedades seriam diferentes porque seus membros possuiriam características biológicas distintas. No segundo, as características geográficas são tomadas como modelo para a explicação das diferenças entre as sociedades. Apesar da influência que ainda exercem sobre o senso comum, essas duas doutrinas foram superadas, visto que sociedades com origens biológicas semelhantes desenvolvem comportamentos e formas de organização diferentes entre si, e que sociedades que ocupam a mesma região geográfica também podem ser diferentes em muitos aspectos.

Em oposição aos determinismos citados, a Antropologia tenta dar conta de todos os aspectos das sociedades humanas que não são biológicos ou naturais, mas transmitidos por meio da interação social, e que constituem seu universo simbólico.

Nesse sentido, as diferenças entre as sociedades humanas são explicadas pelos valores e práticas aprendidos na vida em sociedade, e sua configuração está relacionada a escolhas e experiências históricas vividas em cada comunidade. Assim surge a concepção de que as diferenças entre os homens e suas respectivas sociedades devem ser atribuídas à cultura. Com base nesse pensamento, que rompe com o determinismo biológico e geográfico e se volta para a investigação dos aspectos socialmente transmitidos dos agrupamentos de indivíduos, as Ciências Sociais estabelecem o conceito de cultura.

Ao traçarmos um histórico da construção desse conceito, veremos que sua definição mais antiga foi dada pelo antropólogo britânico Edward Tylor, que em 1871 definiu cultura como "o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade". O ponto de vista do autor era evolucionista, isto é, ele percebia que as sociedades e as religiões teriam um ponto de convergência, e, assim, a cultura seria resultado de um constante processo evolutivo.

## Etnocentrismo e relativismo cultural

Você, quando viaja para um lugar que ainda não conhece, pode se deparar com aspectos culturais que não lhe são familiares. Pode ser a comida, o artesanato, as danças, o jeito de falar, de vestir etc. Numa viagem, é possível viver situações em que, mesmo agindo de forma natural, você desperta a curiosidade dos moradores do local, da mesma forma que eles despertam sua atenção com atitudes que consideram absolutamente corriqueiras.

Estranhar aspectos culturais diferentes dos nossos é uma reação comum à maioria das pessoas, o que leva, muitas vezes, à **desnaturalização** do que consideramos "familiar" ou "normal", ou seja, causa uma mudança no olhar que temos sobre nós mesmos. Quando, no entanto, esse estranhamento se transforma em repúdio ou na afirmação da própria cultura como superior a todas as demais, estamos diante de um comportamento denominado etnocêntrico. Ao longo da história da humanidade, os contatos entre povos com diferentes práticas culturais despertaram estranheza e, muitas vezes, rejeição. As consequências, em muitos casos, foram devastadoras para as sociedades e culturas mais fracas militarmente, que tiveram seus valores culturais relegados a uma posição subalterna, quando não extintos. Foi o caso das culturas ameríndias, que viram suas manifestações culturais e seu modo de vida ser dizimados no contato com o colonizador europeu. Ainda hoje, povos e sociedades com práticas culturais distintas da ocidental dominante são considerados "inferiores" ou "atrasados" (Figuras 3.2 e 3.3).

O **etnocentrismo** pode ser definido como a visão de mundo característica de quem considera sua cultura e grupo étnico mais importantes que os demais. Essa visão é uma forma de preconceito e pode gerar graves conflitos, ao avaliar de forma arbitrária, baseado em critérios de sua própria cultura, como atrasados ou sem sentido as práticas e os valores culturais de outros povos ou grupos sociais.

Como atitude, o etnocentrismo tem consequências práticas no cotidiano. Situações como ataques a imigrantes, estrangeiros ou membros da própria sociedade que possuam alguma característica física ou prática cultural diferente são exemplos de como o etnocentrismo pode passar de sensação de estranhamento a ação violenta. A partir do século XVI, com a colonização europeia na América, e nos séculos XIX e XX, com as colonizações da África, Ásia e Oceania, desenvolveu-se um tipo de etnocentrismo que ficou conhecido como eurocentrismo. Essa visão considera a Europa o centro do mundo e as sociedades não europeias são classificadas com base nesses modelos europeus.

Quase todas as atividades cotidianas de um povo parecerão estranhas ou fora de contexto se forem analisadas apenas sob um ponto de vista exterior à sua cultura.

Uma cerimônia religiosa faz sentido para os fiéis que praticam aquela religião. Para compreendê-la, é necessário saber qual é o significado que o grupo em questão atribui ao evento. Tentar explicá-la de outra maneira pode levar a julgamentos e interpretações errôneas, quando os parâmetros utilizados não são os do próprio grupo, mas exteriores a ele.



Como crítica à prática do etnocentrismo, a Antropologia desenvolveu uma corrente chamada relativismo cultural. Por relativismo cultural entende-se a compreensão de que cada manifestação cultural é considerada legítima, sendo resultado da experiência cotidiana de determinado agrupamento humano em sua interação constante com outros grupos. Diferente da postura etnocêntrica, no relativismo cultural procura-se reconhecer a diversidade cultural como positiva, exemplo da capacidade do ser humano de encontrar diferentes caminhos para se realizar como ser social.



O estudo da diversidade cultural pressupõe o desenvolvimento de um olhar diferente sobre a alteridade. Por alteridade compreende-se o reconhecimento do outro, visto como aquele que possui práticas, saberes, valores e normas distintos dos nossos. É esse reconhecimento que permite a aceitação da diversidade cultural e a relativização de nossas próprias práticas. Uma forma de perceber a importância do contexto cultural para avaliar o porquê de nosso estranhamento em relação a outras culturas é fazer um exercício de "estranhar o familiar". Pense em nossas práticas como se você fosse um estrangeiro, oriundo de um país muito diferente do nosso. O fato de as pessoas passarem horas em academias de ginástica pode parecer muito estranho, por exemplo, para uma pessoa criada na zona rural de um país asiático, onde as atividades laborais e domésticas cotidianas já exigem esforço físico. Outra pessoa desse mesmo país pode se surpreender ao descobrir que aqui elefantes são expostos em zoológicos, como animais exóticos, uma vez que para ela é muito natural criar elefantes como animais domésticos e utilizá-los como meio de transporte e em atividades de lazer (Figuras 3.4, 3.5 e 3.6). É o contexto cultural que estabelece os critérios dos costumes considerados normais. Julgar os costumes do outro pelo nosso próprio contexto cultural é uma das práticas do etnocentrismo criticadas pelo relativismo cultural.